



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Mariê da Silva Hipólito

**A PERDA DA FORÇA E DA IDENTIDADE: A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO
ASSENTAMENTO TIRADENTES ACERCA DO MST (MARI-PB)**

**Guarabira
2019**

MARIÊ DA SILVA HIPÓLITO

**A PERDA DA FORÇA E DA IDENTIDADE: A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO
ASSENTAMENTO TIRADENTES ACERCA DO MST (MARI-PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – Camus III
– Guarabira, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Geografia.

.
Orientadora: Profa. Ms. Maria Juliana
Lepoldino Vilar.

**Guarabira
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

H667p Hipolito, Marie da Silva.

A perda da força e da identidade [manuscrito] : a concepção dos alunos do assentamento Tiradentes acerca do MST (Mari-PB) / Marie da Silva Hipolito. - 2019.

24 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Juliana Lepoldino Vilar. ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Movimento Sem Terra. 2. Identidade. 3. Educação do campo. I. Título

21. ed. CDD 370.11

MARIÊ DA SILVA HIPÓLITO

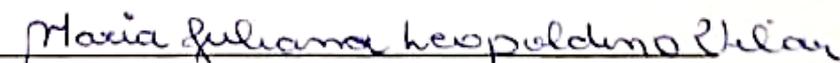
**A PERDA DA FORÇA E DA IDENTIDADE: A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO
ASSENTAMENTO TIRADENTES ACERCA DO MST (MARI-PB)**

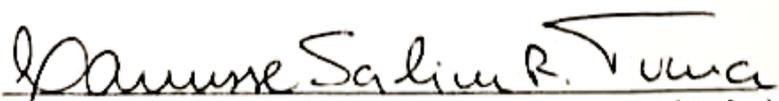
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – Camus III
– Guarabira, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Geografia.

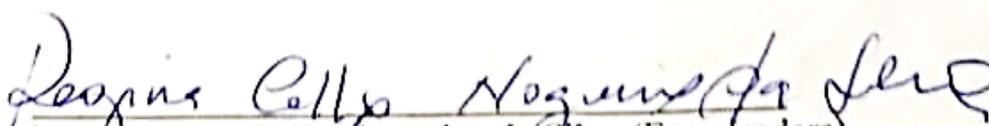
Área de concentração: Geografia Humana e
Cultural

Aprovada em: 09/05/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. **Maria Juliana Leopoldino Vilar** (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. **Lanusse Salim Rocha Tuma** (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. **Regina Celly Nogueira da Silva** (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha família, por todo incentivo e ajuda para que a realização deste trabalho fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter permitido que eu chegasse até este momento e por ter dado forças para vencer as dificuldades da vida.

À minha orientadora, Maria Juliana Leopoldino Vilar por ter aceitado o convite de me orientar, mesmo que em cima da hora. Muito obrigada!

Aos professores da Banca, por permitir que meu trabalho fosse avaliado para que se torne mais rico e mais organizado.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, **AGRADEÇO MUITO.**

“Não há, pois, como ter projeto sem ter raízes, porque são as raízes que nos permitem enxergar o horizonte”.

(Caldart, 2001, p.221).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	RETROSPECTO DO MST.....	09
3	O MST E A EDUCAÇÃO.....	11
4	ATUAÇÃO DO MST NA ESCOLA TIRADENTES.....	12
5	A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O MST.....	13
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS	20
	APÊNDICE.....	22

A PERDA DA FORÇA E DA IDENTIDADE: A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ASSENTAMENTO TIRADENTES ACERCA DO MST (MARI-PB)

Mariê da Silva Hipólito¹

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo evidenciar uma problemática identificada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Tiradentes, localizada na antiga fazenda Gendiroba, Zona Rural de Mari-Pb. Tal instituição é fruto da luta dos assentados coordenada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o qual manteve uma estreita relação com a escola, auxiliando na formação dos futuros militantes do Movimento. Para embasar teoricamente este trabalho, dialogou-se com autores a exemplo de Fernandes (1994), Caldart (2001), Dal Ri e Vieitez (2004), entre outros. Para a coleta de dados, foi feita uma entrevista com os alunos do 6º ao 9º ano da instituição mencionada, a qual serviu de análise para este estudo. Com o estudo, chegou-se à conclusão de que a participação do MST na escola veio decaindo a cada ano e, com isso, os novos alunos já não se identificam tanto com o Movimento, a ponto de a maioria dos alunos da escola já não terem a noção clara da atuação do MST.

Palavras-chaves: MST, Identidade, Educação do Campo.

ABSTRACT:

This work of course completion aims to highlight a problem identified in the E.M.E.I.E.F. Tiradentes, located in the old farm Gendiroba, Zona Rural de Mari-Pb. This institution is the result of the struggle of the settlers coordinated by the Movement of the Landless Rural Workers (MST), which maintained a close relationship with the school, helping in the formation of the future militants of the Movement. In order to base this work theoretically, we have dialogued with authors such as Fernandes (1994), Caldart (2001), Dal Ri and Vieitez (2004), among others. For the data collection, an interview was made with the students from the 6th to the 9th year of the aforementioned institution, which served as an analysis for this study. With the study, it was concluded that MST participation in school has declined every year, and with this, the new students no longer identify with the Movement so much that most of the students in the school no longer have a clear understanding of the MST's performance.

Keywords: MST, Identity, Field Education.

1. INTRODUÇÃO

1 Aluna graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

Este trabalho de conclusão de curso é fruto da pretensão de refletir como os alunos da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Tiradentes² entendem sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e sua atuação no Assentamento Tiradentes, depois dos 6 anos de inauguração da escola, a qual surgiu como espaço de formação escolar para os filhos dos assentados. Fruto da luta das famílias assentadas junto ao MST, a Escola Tiradentes se pretendia ser um espaço educativo de manutenção da identidade Sem-Terra.

Dito isto, depois de 6 anos de funcionamento a escola no Assentamento Tiradentes, vem a seguinte questionamento: como as crianças e adolescentes da Escola Tiradentes concebem o MST? Para tentar compreender tal questão, este trabalho lançou mão de uma entrevista com os alunos do ensino fundamental II desta instituição. Nesse sentido, a entrevista se valeu das seguintes perguntas: 1- *Você sabe o que significa a sigla MST?* 2- *Você sabe dizer como atua o MST no Assentamento?* 3- *Como o MST poderia ajudar o Assentamento a ter uma vida melhor?*

Uma vez coletados os dados provenientes das entrevistas, foi feita uma análise quantitativa, em um primeiro momento, e uma análise qualitativa posteriormente. Os resultados e conclusões em que se chegou dão conta de que existe um possível esquecimento por parte do alunado do que de fato é MST e de sua atuação no Assentamento.

Este trabalho está dividido em quatro tópicos. O primeiro tópico faz uma breve explanação histórica do MST; o segundo tópico faz uma reflexão da importância que a educação tem no seio do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra; já o terceiro tópico expõe brevemente a atuação do MST na Escola Tiradentes; e, no último tópico, é discutido as respostas dos alunos quanto suas concepções acerca do MST e sua atuação no Assentamento.

2. RETROSPECTO DO MST

Durante todo o período da ditadura militar no Brasil, as lutas por reforma agrária e pelo direito de produzir alimentos por parte dos trabalhadores rurais, foram uma realidade em diversas partes do país. No entanto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) só foi se consolidar no ano de 1984, com a realização do 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Conforme se encontra registrado no site do MST, “Ali decidem fundar um movimento camponês nacional”³.

2 Escola localizada no Assentamento Tiradentes, Antiga Fazenda Gendiroba, posição leste do município de Mari-Pb, Zona da Mata Paraibana.

3 Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/>. Acessado em: 09/11/2018.

No ano de 1987, a Agenda Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é elaborado trazendo os seguintes objetivos: agir dentro do movimento sindical para conquistar a reforma agrária; prezar pela organização dos trabalhadores rurais na base do movimento; cuidar e estimular a formação de lideranças (militantes), a fim de constituir um caminho político para os trabalhadores; articular o movimento de modo que mobilizasse trabalhadores do campo e das cidades do país e da América Latina (FERNANDES, 1994).

Esse contexto em que surge o MST é marcado por uma abolição tensa no campo político do Brasil, momento este marcado pelo grito popular do “diretas já” no anseio por redemocratização. Esse anseio se fez presente em vários setores sociais que se manifestaram naquele período, e com o MST não foi diferente, pois pregava a divisão democrática da terra.

Passados mais de dez anos de fundação do MST, no ano de 1995, é realizado o Terceiro Congresso Nacional, onde são traçados novos objetivos. Como uma proposta democrática e em prol da justa divisão da terra e da renda, os principais objetivos levantados naquele ano foram os seguintes:

A terra é um bem de todos. E deve estar a serviço de toda a sociedade; Garantir trabalho a todos, com justa distribuição da terra, da renda e das riquezas; Buscar permanentemente a justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais; Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher. (EGÊA, 2014, p.3).

Um ano antes, em 1994, Fernando Henrique Cardoso vence a eleição presidencial e emplaca uma política liberal, priorizando a agroexportação, a privatização e o mercado internacional, deixando de incentivar a produção de alimentos de pequenos agricultores. Seu governo é marcado por divergências entre o governo federal e o MST, no que diz respeito ao número de famílias assentadas. Em 1997, FHC anuncia que seu governo teria assentado mais de 250 mil famílias, enquanto para o MST não teria chegado a 20 mil (MORISSAWA, 2001). Para o MST, o governo fazia uma propaganda enganosa para se mostrar como sendo o presidente que fez a maior reforma agrária do mundo.

Quando o Lula assume o poder em 2003, o MST se revestiu de entusiasmo, pelo fato de ter na presidência da República um simpatizante do Movimento. No entanto, a atuação do MST continuam praticamente da mesma forma que no governo FHC (CRUZ; BENDJOUYA, 2008), apenas mostrando uma elevação do número de famílias assentadas no período de reeleição do Presidente Lula.

Nos dias atuais, o MST vem lutando para se implantar uma reforma agrária mais ampla, para que todas as famílias sem-terra possam ter o seu lote para construir sua vida, detendo os mesmos direitos de todos os cidadãos brasileiros, ou seja, direito à moradia, educação, saúde, lazer e cultura.

3. O MST E A EDUCAÇÃO

A educação, para o MST, é parte importante nos objetivos e propostas do Movimento, isso porque é preciso formar nos assentamentos e acampamentos sujeitos conscientes de sua luta, de seu papel na política e na história. Nesse sentido, o MST se mobiliza em articular um ensino que seja diferente do ensino oficial, muito embora haja confluências com ele. Segundo Dal Ri e Vieitez (2004, p.45):

[...] o MST percebe que o ensino oficial não atende às necessidades de formação dos seus membros, pois podemos dizer em relação à educação o que já se disse em relação à ideologia: na sociedade de classes, a educação dominante é a educação das classes dominantes, ainda que a ideologia pedagógica oficial apresente-se travestida na forma de conhecimentos, valores e habilidades universais.

O propósito para tanto empenho para que os assentados tenham um ensino diferente do oficial, é manter o elo como o MST, mas que favoreça as condições necessárias para que os sujeitos possam avançar em atividades produtivas e econômicas, convertendo em bens para a comunidade do campo. Não é à toa que, “Quase ao mesmo tempo em que começam a lutar pela terra, os trabalhadores sem terra do MST também começam a lutar por escolas no campo” (OLIVEIRA; GARCÍA, 2009, p.165).

Para o MST a luta não se faz apenas pela implantação de escolas no campo, mas também nortear as escolas a construírem um currículo diferenciado⁴, em que se estude as disciplinas obrigatórias do currículo oficial, mas que estas sejam relacionadas com a realidade dos camponeses. E, para isso se concretizar, a formação de professores para atuarem numa perspectiva de educação do campo também é algo importante. Nesse intuito, grupos de pesquisas de universidades se aliam ao MST para ofertarem cursos de formação para

4 Um currículo diferenciado, na proposta do MST, consiste em atrelar os conteúdos às realidades dos sujeitos do campo.

professores. A oferta desses cursos “expressa a preocupação com a educação escolar das crianças nos acampamentos e assentamentos” (DAL RI; VIEITEZ, 2004, p.47).

Essa preocupação do MST com a educação das crianças faz parte do propósito de se fazer a manutenção da identidade do Movimento, pois o MST depende disso para se renovar, pensando no futuro sem que seja esquecida a história de lutas e conquistas. Nas palavras de Oliveira e García (2009, p.166):

Para o MST o movimento educa as pessoas que dele fazem parte à medida que as coloca como sujeitos enraizados no movimento da história e vivendo experiências de formação humana que são próprias do jeito da organização particular da luta de classes, principal forma em que se apresenta o movimento da história. Mesmo que cada pessoa não saiba disso, cada vez que ela toma parte das ações do MST, fazendo sua tarefa específica, pequena ou grande, ela está ajudando a construir a identidade sem-terra, a identidade dos lutadores do povo, está se transformando e se reeducando como ser humano.

Nessa mesma perspectiva, a qual coloca o empenho do MST com a educação de seus membros, para que se mantenha a identidade sem-terra, Caldart (2001, p.218) faz a seguinte exposição: “Os sem-terra se educam como sem Terra (sujeito social, pessoa humana, nome próprio) sendo do MST, o que quer dizer, construindo o Movimento que produz e reproduz sua própria identidade ou conformidade humana e histórica”. Isso está de acordo com Gramsci (1968), quando diz que cada organização produz seus próprios intelectuais.

Feita estas reflexões sobre a íntima relação entre o MST e a educação, entende-se melhor a atuação do Movimento junto à Escola Tiradentes, quando mostra essa presença forte junto à escola, quando esta foi inaugurada no Assentamento.

4. ATUAÇÃO DO MST NA ESCOLA TIRADENTES

A Escola Tiradentes foi inaugurada no ano de 2012, fruto da luta dos assentados, membros do MST. Essa conquista é considerada a mais importante para o Assentamento, uma vez que, desde a ocupação da antiga Fazenda Gendiroba, os camponeses vieram lutando para que a escola, de fato, fosse inaugurada.

Conforme consta na dissertação de Costa (2009), no ano de 1999 passou a funcionar na localidade a primeira escola, numa estrutura precária. No ano seguinte, a escola foi transferida para um casarão, onde funcionava as primeiras séries da Educação Infantil. Depois de muita

luta que, em 2012, na gestão do prefeito Antônio Gomes, é que a escola que se tem hoje foi inaugurada.

Durante esse período – da primeira escola até a inauguração da atual – o MST acompanhou de perto as atividades escolares que precariamente formava os futuros membros do Movimento. Depois que se estabeleceu a Escola Tiradentes no Assentamento, o MST em parceria com UFPB, se elaborou o Projeto Político Pedagógico da instituição, em que os temas geradores foram colocados como fio condutores dos princípios de uma Educação do Campo.

Embora todo acompanhamento do MST às práticas educativas da escola, o que se percebeu, em visita à escola para a coleta dos dados e conversas informais com professores, diretores e alunos, foi que o MST nitidamente não se faz mais presente na instituição. Além disso, a escola já não trabalha com os temas geradores, seguindo unicamente o currículo oficial em todas as disciplinas. Nesse caso, a escola deixa de lado seu PPP, “caracterizado pelo modo como acontecem as aulas, nos temas geradores, nos valores e atitudes priorizados na ação pedagógica dos professores e professoras e nas relações que se estabelecem entre a escola e a vida no assentamento” (COSTA, 2010, p.96).

5. A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O MST

Este tópico traz as respostas dos alunos a um questionário respondido pelos alunos da Escola Tiradentes, quanto ao que eles entendiam acerca do MST. Tal questionário foi aplicado no dia 24 de outubro de 2018, das 13 às 16 horas, e contou com a participação de 80 alunos do Ensino Fundamental II – de 6º ao 9º ano –, com idade entre 11 e 17 anos. O questionário trazia apenas 3 perguntas: Você sabe o que significa a sigla MST? Você sabe dizer como atua o MST no Assentamento? Como o MST poderia ajudar o Assentamento a ter uma vida melhor?

A orientação dada foi que o questionário fosse respondido de forma individual, sem consulta a nenhuma fonte, apenas que manifestasse suas opiniões acerca das perguntas. Para a atividade, foram impressos 80 questionários. Quanto aos gráficos trazidos a seguir, foram construídos no programa Microsoft Office Excel 2013.

5.1 Análise quantitativa

Para facilitar a compreensão, optou-se por transformar em gráficos as respostas dos alunos de acordo com cada pergunta. Nesse sentido, a primeira pergunta que foi feita para

saber se os alunos sabiam informar o significado da sigla MST, se deslumbrou da seguinte forma, tendo em vista que foi considerado o total de alunos participantes, ou seja, 80 entrevistados. A resposta dos alunos a questão resultou no seguinte gráfico:

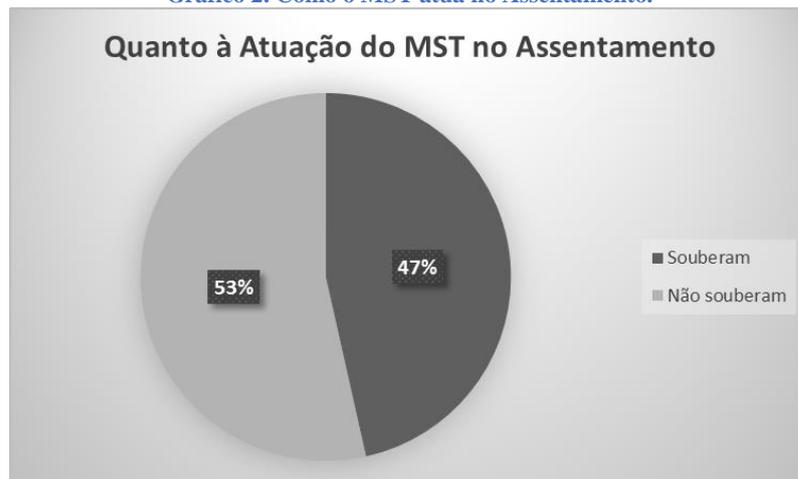


Fonte 1. Produção da Autora. 2018.

Cabe destacar que a porcentagem dos que “não souberam” responder corresponde ao total de alunos deixaram a pergunta em branco e os que responderam incorretamente. Nesse caso, o gráfico mostra que mais da metade dos alunos entrevistados souberam responder o significado da sigla MST, ou seja, 43 alunos.

O próximo gráfico consta as respostas dos alunos quanto à atuação do MST no Assentamento. Porém, só foram consideradas as respostas dos alunos que souberam responder o que significava a sigla MST. Nesse caso, a porcentagem demonstrada no gráfico abaixo levou em conta as respostas dos 43 alunos, que souberam responder a pergunta anterior.

Gráfico 2. Como o MST atua no Assentamento.



Fonte 2. Produção da autora. 2018.

Conforma mostra o gráfico acima, a maioria dos alunos não souberam responder, sendo que 20 alunos dos 43 se dispuseram a responder. Perguntados de como o MST poderia ajudar o Assentamento a ter uma vida melhor, os alunos se posicionaram da seguinte forma:

Gráfico 3. Como o MST poderia ajudar o Assentamento.

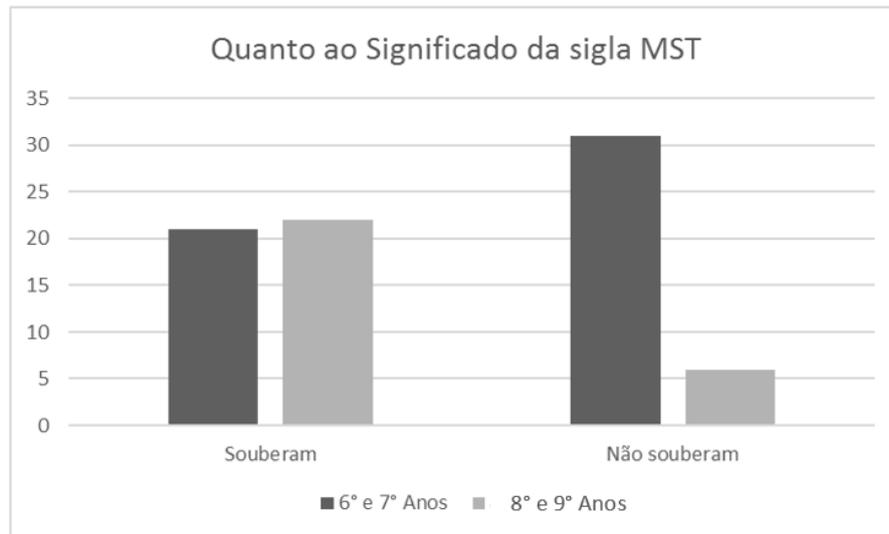


Fonte 3. Produção da autora. 2018.

Novamente foi considerado apenas as respostas dos alunos que souberam o significado da sigla MST. Destes, como mostra o gráfico, um pouco mais da metade dos entrevistados não responderam a pergunta, ou seja, 18 alunos dos 43 considerados.

Indo mais além, também procurou-se demonstrar a quantidade de alunos que responderam às questões por grupo de séries. Para tanto, dividimos em dos grupos: um composto pelos alunos de 6º e 7º anos e o outro composto por alunos de 8º e 9º anos. Com essa configuração, o resultado foi o seguinte para a primeira pergunta:

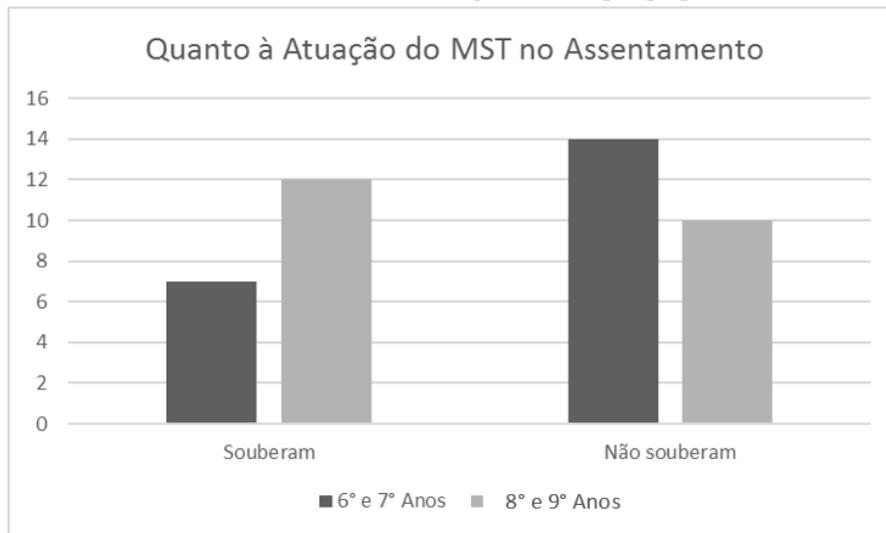
Gráfico 4. Quanto ao significado da sigla MST por grupo de séries.



Fonte 4. Produção da autora. 2018.

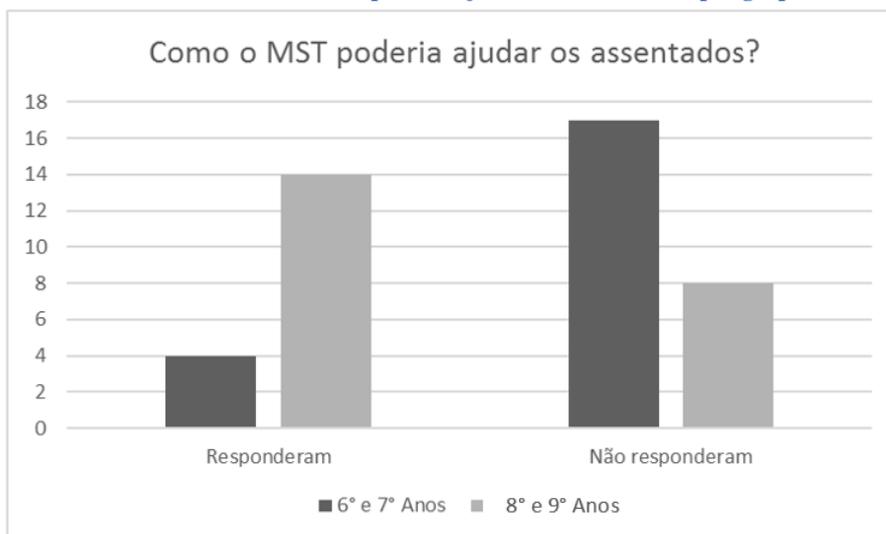
O que se pode observar é que o grupo composto pelos alunos de maior idade (8º e 9º anos) teve o número maior de alunos que souberam responder, mesmo tendo o número menor de alunos participantes. Isso ocorreu com as duas perguntas posteriores, conforme demonstrado nos gráficos.

Gráfico 5. Quanto à atuação do MST por grupo de séries.



Fonte 5. Produção da autora. 2018.

Gráfico 6. Como o MST poderia ajudar o Assentamento por grupo de séries.



Fonte 6. Produção da autora. 2018.

Os dois gráficos acima sugerem que quanto maior as séries maiores o número de alunos que responderam as questões perguntadas. Isso não demonstra simplesmente que os alunos de séries maiores tenham maior capacidade de responder as perguntas, mas indica também que esses alunos de maior idade pertenceram a uma época em que a participação do MST se mostrava mais presente. Dito de outra forma, os alunos do 8º e 9º anos, que estão a mais tempo

na instituição, tiveram são sujeitos pertencentes a uma temporalidade em que as lutas que resultaram na construção da nova escola ainda estava recente.

Como foi dito anteriormente, desde quando a escola foi inaugurada no Assentamento em 2012, a participação do MST na escola e também na comunidade só foi decaindo. Neste período, a escola deixou de trabalhar com temas geradores em seu currículo; deixou de ter eventos organizados pelo MST na escola; os projetos de educação do campo da UFPB e da UEPB também foram deixando de acontecer; a formação continuada em educação do campo foi outro evento que se resumiu em palestras casuais. Tudo isso contribuiu para que o elo entre os alunos com o MST fosse paulatinamente enfraquecendo.

Essa quebra na identificação com o Movimento não é positiva, uma vez que não se consolida um dos objetivos da Agenda Movimento Sem Terra com relação à educação, que formar líderes que possam tocar para frente os objetivos e propostas do MST. Nesse sentido, quando o MST conquista uma escola em assentamento, o movimento cuida por proporcionar uma educação que atenda “às características e necessidades específicas do MST, dentre as quais se destacam a formação dos militantes e quadros do Movimento” (DAL RI; VIEITEZ, 2004, p.45).

5.2 Análise qualitativa

Nesta análise qualitativa das entrevistas, convém destacar algumas respostas que nos mostra sutilmente a concepção que os alunos têm sobre o MST e sua atuação no Assentamento e na escola. Cabe ressaltar que, para manter o anonimato dos alunos serão identificados apenas pelas iniciais de seus nomes, podendo ser revelados a série e o sexo.

A primeira coisa a chamar a atenção quando perguntados sobre como atua o MST no Assentamento foi que boa parte dos que responderam se expressaram como algo passado, distante deles, o que pode demonstrar que a presença do Movimento não faz mais parte do cotidiano escolar. Dito isto, destaca-se as falas dos alunos a seguir.

O aluno MHT (7º ano), pontuou que o MST “atuava ajudando os povos dos barracos”, uma referência ao tempo que as famílias ainda viviam no acampamento e continua: “O MST lutava pelo assentamento para os povos do assentamento poder ganhar um pedaço de terra”.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a concepção assistencialista sobre MST, quando perguntados sobre como o MST poderia ajudar o Assentamento a ter uma vida melhor. Para o aluno MAP (7º ano), informou que o MST poderia ajudar os assentados “fazendo ter trabalho

e ter mais assistência médica”. Já para a aluna AFM (8º ano), o MST poderia ajudar “dando uma renda para cada família todo os mês”. Por sua vez, o aluno JAV (8º ano), o MST ajudaria se desse “A cada família uma fonte de renda ex: criação de galinhas ou de carneiro”.

Ao que parece, essa visão de instituição assistencialista do MST pode ser fruto de uma concepção que enxerga o Movimento como se fosse um órgão ligado ao poder pública. Diante disso, e das informações levantadas entrevistando os alunos da Escola Tiradentes, em sua maioria, perderam o elo que se tinha com o MST. Um motivo para isso pode ser o fato de que “os jovens dos assentamentos se sentem fortemente atraídos pela vida urbana, o que coloca em risco a continuidade desses empreendimentos obtidos com tanta dificuldade” (DAL RI; VIEITEZ, 2004, p.46). Ou seja, isso estaria quebrando o processo que garante a formação contínua de sujeitos politizados e líderes na luta dos ideais do MST.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de se fazer uma breve explanação pela história do MST, da importância que o movimento tem dado à educação e depois da análise das “falas” dos alunos da Escola Tiradentes, chegou-se a conclusão que a identidade sem-terra, no Assentamento Tiradentes, sofre se não um declínio, ao menos uma mudança em sua concepção. E isso, nas palavras de Cruz e Bendjouya (2008, p.11):

O MST está muito preocupado com esses fatores, com o fato da reafirmação das identidades pessoais e culturais, pois encontra-se em um momento em que oscila entre o essencialismo e o não-essencialismo; já que dentro do próprio Movimento, opiniões se opõem as ações da sua essência, de seu ventre de formação, colocando uma série de dúvidas voltadas às tradições, indicando que existe uma crise de identidade.

Pelo que se pode perceber, a crise de identidade pode ser um problema da constante ausência do MST nas práticas desenvolvidas pela escola. Essa ausência cria uma lacuna e interrompe uma trajetória histórica na luta pela consolidação das conquistas do Movimento. Talvez os membros do MST do Assentamento Tiradentes estejam passando por uma acomodação, movidos pela seguinte lógica: já que se tem a posse da terra, uma boa escola e uma unidade médica, os assentados já não possuem mais motivos para continuarem lutando. Se essa lógica for verdadeira, a identidade Sem-Terra no assentamento pode entrar numa crise sem volta, ao menos que se faça algo para reverter essa situação.

Portanto, deseja-se que futuramente o MST possa reatar sua participação na educação dos jovens do Assentamento Tiradentes e se concretize o desejo do aluno ESR, do 8º ano, quando expressou que o MST poderia “ajudar os trabalhador rural com mais conhecimento para trabalhar a terra”.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**, n.15, v.43, p.207-224, 2001.

COSTA, Luciélio Marinho da. **A construção do projeto político-pedagógico da Escola Municipal Tiradentes/Mari-PB**: desafios e possibilidades para a educação do campo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

CRUZ, Fábio Souza da Cruz, BENDJOUYA, Joana Porto. **A identidade cultural do MST**. 2008. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/esp/anopub.php?anopub=2008. Acessado em: 14/11/2018.

DAL RI, Neusa Maria; VIEITEZ, Candido Giraldez. A educação do movimento dos sem-terra. **Revista Brasileira de Educação**, n.26, p.44-57, mai./ago. 2004.

Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/site/anaiscomplementares?AREA=2>. Acessado em: 09/11/2018.

EGÊA, Alessandra Pereira. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): História, objetivos e suas confluências com os períodos políticos de FHC (1995-2002) e Lula (2003-2010). **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Vitória-ES, 10 a 16 de Agosto de 2014.

FERNANDES, B. M. **Espacialização e territorialização da luta pela terra**: a formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dissertação (Mestrado em Geografia). São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

OLIVEIRA, M. E. B.; GARCÍA, M. F. A luta pela terra e pela educação no assentamento rural do MST Zumbi dos Palmares e no acampamento Pequena Vanessa, Mari, Paraíba. **Revista Pegada**, v.10, n.1, p.158-178, junho, 2009.

APÊNDICE



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
Graduanda: Mariê da Silva Hipólito

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O MST

Identificação do(a) Aluno(a)

Nome:		
Idade:	Sexo: M() F()	Série (Ano):

1. Você sabe o que significa a sigla MST?
2. Você sabe dizer como atua o MST no Assentamento?
3. Como o MST poderia ajudar o Assentamento a ter uma vida melhor?